

ARTIGO

Licenciado sob uma Licença Creative Commons



RELIGIÃO E COMPORTAMENTO SEXUAL: CONCEPÇÕES CRISTÃS SOBRE SEXUALIDADE

Religion and Sexual Behavior: Christian Conceptions about Sexuality

Alisson José Oliveira Duarte

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro

alisson-duarte@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo ressalta as estreitas vinculações entre religião e sexualidade humana como fenômenos históricos indivisíveis e improváveis de serem refletidos sem mencionar as possíveis convergências de uma dimensão sobre a outra. Tomando como ponto de partida a religião como possível fator de determinação sobre o comportamento sexual dos seres humanos, este estudo, por meio de metodologia de revisão bibliográfica, tem como objetivo investigar as concepções de católicos, evangélicos e espíritas em torno do fenômeno da sexualidade e como esses valores podem influenciar o comportamento sexual dos indivíduos. Os resultados sugerem que temas como homossexualidade, masturbação, virgindade, casamento, fetichismo, uso de preservativos e contraceptivos são discutidos e observados de maneiras distintas pelas religiões em foco. Sem negar o valor e a importância das religiões (especialmente da religiosidade), este estudo infere que as pessoas vivem à mercê de uma realidade que, por menos religiosa que seja, é influenciada por valores e crenças de instituições religiosas do presente ou do passado.

Palavras-chave: Religião. Comportamento Sexualidade. Católicos. Espíritas. Evangélicos

ABSTRACT: The present study highlights the close links between religion and human sexuality as historical phenomena that are indivisible and unlikely to be reflected without mentioning the possible convergences of one dimension over the other. Taking as a starting point religion as a possible determining factor on the sexual behavior of human beings, this study, through a methodology of bibliographical revision, aims to investigate the conceptions of Catholics, Evangelicals and Spiritists around the phenomenon of sexuality and How these values can influence the sexual behavior of individuals. The results suggest that issues such as homosexuality, masturbation, virginity, marriage, fetishism, use of condoms and contraceptives are discussed and observed in different ways by the religions in focus. Without denying the value and importance of religions (especially religiosity), this study infers that people live at the mercy of a reality that, however religious it may be, is influenced by the values and beliefs of religious institutions of the present or the past.

Keywords: Religion. Sexual Behavior. Catholics. Spiritists. Evangelicals.

Introdução

Desde tempos mais remotos a religião constitui uma das mais antigas formas de expressão da alma humana, um fenômeno histórico da humanidade presente em todas as culturas e civilizações (JUNG, 2011). Sabe-se de sua influência na vida humana em todos os tempos, com maior ou menor domínio de acordo com a época. É notório que a religião não mais frequenta aqueles lugares que antes eram de seu completo domínio e a ciência de certa forma tornou-se a “religião” dos tempos modernos. Mas a religião desapareceu? Evidentemente, não.

Tratando-se de religião, é necessário reconhecê-la como presença invisível e sutil no cotidiano. Há mesmo quem diga que, direta ou indiretamente, a religião se faz intrinsecamente em todas as pessoas, inclusive muitas vezes entre os ateus. Não se trata de algo do qual se possa fugir com a extinção dos atos, como simplesmente se ausentar de lugares sagrados. Ela está na cultura, nas leis, nos valores que se aprendem em casa, na educação escolar, na medicina, no comportamento sexual sem que necessariamente o indivíduo tenha frequentado algum tipo de culto religioso. A religião está mais próxima da experiência pessoal das pessoas do que elas desejam admitir (ALVES, 2010). Cabe questionar até que ponto os indivíduos escolhem ver o mundo dessa ou daquela forma? Até que ponto o comportamento humano pode ser determinado por fatores religiosos?

Este estudo ressalta as estreitas vinculações entre a religião e a sexualidade humana como fenômenos históricos indivisíveis e improváveis de serem refletidos sem mencionar os possíveis reflexos e convergências de uma dimensão sobre a outra. Tomando como ponto de partida a religião como fator determinante sobre o comportamento sexual dos seres humanos, o objetivo desta pesquisa de revisão bibliográfica é investigar especialmente as concepções de católicos, evangélicos e espíritas em torno do fenômeno da sexualidade e como esses valores podem influenciar o comportamento sexual de seguidores e até mesmo de não seguidores dos referidos cultos religiosos.

Chauí (2008) aborda de forma crítica a atuação das crenças silenciosas repressoras do comportamento sexual nas músicas, nos contos de fadas, nos filmes, em poesias, etc. Na maioria das vezes as pessoas não percebem sua atuação e muito menos que são reprodutoras delas, por exemplo, quando se conta um inofensivo conto de fadas a uma criança.

Embora a temática *sexo e religião* seja um assunto relevante no que diz respeito às influências que a religião pode exercer sobre o comportamento dos indivíduos, sejam eles praticantes ou não de uma forma de religião, **percebe-se que esse ainda é um assunto** pouco explorado por estudos mais recentes. Jung (2011) há muito já dizia sobre a necessidade de uma colaboração mútua entre a Psicologia e a Teologia. Para ele muitas neuroses eram condicionadas por fatores religiosos. Sua maior descoberta foi haver reconhecido como conteúdos arquetípicos da alma humana as representações primordiais que estão na base de todas as religiões.

No mesmo sentido, recentes estudos têm mostrado que o trabalho, a família, os amigos, o sexo e a religião são os principais domínios discutidos em sessões de psicoterapia (PERES et al., 2007). Em se tratando de religião, existe inclusive uma categoria diagnóstica “problemas religiosos ou espirituais” inserida no DSM-IV¹ (2014) que reconhece os temas religião e espiritualidade como possíveis focos de consulta da área médica/psiquiátrica e dos psicólogos.

Defende-se que muitas vezes para se compreender a visão de sexo e sexualidade de uma pessoa se faz necessário levar em consideração seus valores religiosos conscientes ou não, uma vez que, frequentemente, a religião pode se fazer no cotidiano de maneira sutil e velada.

O Brasil é um país com expressivo número de indivíduos religiosos, sendo apenas 8% da população não praticante de uma religião ou espiritualidade (IBGE, 2015). Levando em consideração que 92% da população têm uma religião ou nutre aspectos de espiritualidade, tornam-se plausíveis ações voltadas para a compreensão das dimensões religiosas sobre o comportamento dos indivíduos brasileiros.

Como já mencionado, a fim de responder o objetivo geral desta pesquisa, buscou-se investigar as concepções e os posicionamentos das três modalidades religiosas predominantes no Brasil, sendo católicos (64,6%), evangélicos (22,2%) e espíritas (2%) (IBGE, 2015), frente às questões que envolvem: a primeira relação sexual (virgindade), masturbação, finalidade e sentido da atividade sexual (prazer/reprodução), o uso de preservativos e contraceptivos, homossexualidade, prostituição, adultério, orgasmo feminino, sexo oral e anal, práticas grupais, acessórios, pornografia, entre outras expressões da sexualidade humana.

¹ Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM*).

Cabe esclarecer que este estudo não tem por objetivo favorecer a visão de uma ideologia religiosa ou fazer distinções entre elas. Não se pretende apontar a religião mais ou menos viável a ser seguida. Busca-se, antes, resgatar com neutralidade e de forma sintética a visão de sexo e sexualidade trazida pelas principais categorias religiosas vigentes no Brasil.

Pontuações entre religião, religiosidade e espiritualidade

Antes de dar início às discussões desta pesquisa, considera-se de substancial utilidade esclarecer, definir e diferenciar os conceitos de religião, religiosidade e espiritualidade a fim de delinear o propósito deste estudo, evitando possíveis falhas de comunicação ao se falar de sexo e religião.

Panzini et al. (2007, p.106) definem religião como “um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos delineados para facilitar a proximidade com o sagrado e o transcendente”. Na mesma confluência conceitual, Manoel (2009, p.19) entende por religião “o conjunto de doutrinas e práticas institucionalizadas, cujo objeto é fazer a ponte de ligação entre o sagrado e o profano, o caminho de reaproximação entre criatura e criador, o homem e Deus”.

Em contrapartida, Guimarães (2007, p.89) define espiritualidade “como uma propensão humana a buscar significado para a vida por meio de conceitos que transcendem o tangível: um sentido de conexão com algo maior que si próprio, que pode ou não incluir uma participação religiosa formal”. Panzini et al. (2007) descrevem espiritualidade como a busca pessoal por “respostas compreensíveis para questões existenciais sobre a vida, seu significado e a relação com o sagrado ou transcendente que podem (ou não) levar ou resultar do desenvolvimento de rituais religiosos e formação de uma comunidade”.

Ambos os estudos descrevem espiritualidade como a manifestação de um sentimento intrínseco e individual de conexão com uma força maior, isto é, uma maneira subjetiva de sentir que não depende necessariamente de uma vinculação institucional ou religiosa.

Alguns autores conceituam espiritualidade e religiosidade como sinônimas, no entanto outros afirmam serem conceitos diferentes. Considera-se pertinente que os termos sejam compreendidos de forma distinta. A esse respeito Panzini et al. (2007,

p.106) esclarecem que religiosidade “é a extensão na qual um indivíduo acredita, segue e pratica uma religião. Embora haja sobreposição entre espiritualidade e religiosidade, a última difere-se pela clara sugestão de um sistema de adoração/doutrina específica partilhada com um grupo”.

Entende-se que religiosidade refere-se à intensidade de devoção de uma pessoa a uma religião, ou seja, é a capacidade do indivíduo de participar de uma religião com fervor, espiritualidade e profundo sentimento de conexão com o transcendente. Esses indivíduos não são apenas frequentadores da instituição ou meros participantes de um culto, diferenciam-se pela capacidade de sintonia integral — corpo e alma. A religião é para eles um meio de expressão de sua espiritualidade.

Pode-se intuir que há pessoas que têm uma religião por frequentarem as práticas de um grupo e delas compartilharem, no entanto nem todos que frequentam e praticam uma religião sentem-se tocadas por ela, portanto são pessoas destituídas de religiosidade, muito embora, assíduas em templos e reuniões. Da mesma forma, deve-se reconhecer que nem sempre a espiritualidade se manifesta por meio de religiões institucionalizadas. Nesse contexto a religião é tratada como uma ferramenta de religação com o divino, ferramenta que não necessariamente é fundamental para certos indivíduos, que mesmo não praticantes de uma religião ou frequentadores de um templo, não deixam de manifestar intrinsecamente a crença em uma força maior personificada ou não.

A religião em seu caráter institucional estabelece regras de conduta, práticas próprias que não foram estabelecidas nem criadas por seus praticantes, mas por seus representantes e, sobretudo por seus precursores ou ancestrais. Nela integram-se práticas preestabelecidas, fundamentais ou não para a participação, práticas e regras de conduta dirigidas ao grupo e não pessoais. A espiritualidade, por sua vez, refere-se a questões profundamente pessoais e particularmente subjetivas.

Nesse sentido, sem relegar o mérito e a importância das religiões enquanto função natural intrinsecamente ligada à ecologia humana, ressalta-se neste estudo que não se abordará o que concerne ao campo da espiritualidade ou da religiosidade (elementos da particularidade individual), restringindo-se a resgatar a visão de sexo e sexualidade estabelecida e institucionalizada pelas religiões em estudo (DUARTE, 2017).

A sexualidade na história da religião

Por natureza, a história da sexualidade e da religião se funde desde os primórdios da humanidade. É impossível falar de uma sem mencionar a outra. Em alguns cultos o sexo é visto como tabu e em outros é visto como dádiva divina. De uma forma ou de outra o sexo sempre esteve ligado ao sagrado (EISLER, 2007).

A sexualidade, longe de ser somente um ato físico, adquiriu significado simbólico na organização social e moral das sociedades. É justamente em sua dimensão social que a sexualidade adquire seu caráter de mais alto impacto. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de diferentes épocas (NUNES, 2003).

A história do falicismo revela que sexo e religião sempre mantiveram estreita relação. Muitos dos símbolos, tidos como sexuais e outros como religiosos, possuem semelhanças. A imagem do falo representou papel importante nas antigas cerimônias religiosas do Egito, da China, do Japão, da Índia, da Grécia e de Roma. Na pré-história era muito comum entre os povos celebrar o sexo envolvendo tudo em uma aura de magia e encantamento, divinizando objetos, criando totens e tabu (EISLER, 2007).

Durante as festas à deusa Ishtar, na Babilônia, preparavam-se e comiam-se bolos com formas semelhantes aos órgãos sexuais masculino e feminino. Na Fenícia, faziam-se bolos idênticos em louvor aos deuses Baal e Astarte. No Egito, ocorriam procissões em louvor ao falo de Osíris. Na França antiga, eram preparados pães em formas fálicas para serem levados a festas e procissões. Na Índia ainda existem templos a Shiva com oratórios em homenagem ao falo. O xintoísmo, no Japão, ainda é uma religião estreitamente ligada ao culto fálico. O festival de Líber, antiga divindade da frutificação mais tarde identificada a Baco, se realizava na época do plantio. Nesse dia o falo, como símbolo do deus, era levado pelos habitantes aos campos e caminhos em torno de Roma, a fim de aumentar a colheita. Mel e óleo eram oferecidos aos deuses. Em Lavinium, levava-se um falo à praça do mercado, onde as mulheres mais respeitadas da cidade o coroavam com uma guirlanda de flores. Em outras cerimônias, os participantes utilizavam máscaras com pênis e as mulheres adornavam-se com objetos fálicos colocados no púbis (EISLER, 2007).

Datam do período paleolítico as primeiras expressões artísticas que refletem a

exaltação dos povos antigos à condição sagrada do corpo da mulher, do homem e mais precisamente do encontro sexual capaz de gerar vida. Os ancestrais pareciam impressionados com a existência dos dois sexos e chegavam a realizar ritos eróticos sagrados em ocasiões religiosas importantes, como o retorno anual da primavera. Esses rituais, assim como as imagens sexuais da arte paleolítica ou mesmo do período neolítico, refletiam uma visão da vida e da religião na qual a celebração do prazer era primordial (EISLER, 2007).

Nossos ancestrais exaltavam o sexo não apenas em relação ao nascimento e procriação, mas como a fonte misteriosa do prazer e da vida. (...) Os mitos e ritos eróticos pré-históricos não eram apenas expressões de alegria e gratidão pela dádiva da vida (...) mas também expressões de alegria e gratidão pelas dádivas do amor e do prazer (EISLER, 2007, p.81).

Sobretudo no mundo ocidental, muitos dos ritos antigos foram modificados e inseridos em uma nova lógica, preocupada em satisfazer as exigências da ordem social, dominada pelo machismo e pela exaltação da dor, do sofrimento e da morte.

Na crença egípcia os deuses faziam sexo e sentiam o prazer na procriação. As ações dos deuses interferiam diretamente em todos os aspectos da vida cotidiana egípcia. Esta sociedade procurava seguir o modo de vida de suas divindades. Fazer algum ato que não tenha sido praticado pelos deuses poderia trazer o caos sobre o Egito ou sobre a família de quem praticou (ARAÚJO, 2012).

Os gregos surgem como os mais liberais da antiguidade em matéria de sexo. Essa liberdade, segundo Foucault (2014), está associada a algo natural e não necessariamente libertino, pois consideravam a atividade sexual tão profundamente ancorada na natureza e de maneira tão natural que não poderia ser considerada má.

A prostituição adotou as mais diversas formas na Antiguidade. Na Babilônia, o culto da deusa Astarte deu oportunidade para que se desenvolvesse uma espécie peculiar de prostituição sagrada. Mulheres vinculadas ao templo exerciam ali seu ofício e proporcionavam satisfação sexual para os estrangeiros e peregrinos. Era costume de toda mulher, pelo menos uma vez em sua vida, entregar-se a um homem no templo da deusa do amor (EISLER, 2007).

A origem do termo erotismo tem raízes na mitologia grega. Provém de Eros (paixão ardente, pulsão, libido), deus do amor, jovem e brincador, filho de Afrodite,

deusa do amor e da beleza. Na mitologia grega, Eros era uma fonte de atração e despertava o desejo sexual onde estivesse. Possuía também grande força criadora e sua ausência poderia ser motivo para decadência e destruição. O termo “afrodisíaco”, por sua vez, data de aproximadamente 5.000 anos e provém do nome Afrodite, a deusa do amor e da beleza na mitologia grega, também conhecida por Vênus. As referências revelam que o mais antigo afrodisíaco era um pó de pênis de crocodilo seco, recomendado pelos egípcios (EISLER, 2007).

A partir da ascensão do Cristianismo os símbolos pagãos foram severamente perseguidos. Signos fálicos foram transferidos à figura de Satanás, bem como as características de deuses pagãos, como os chifres, a cauda, as patas de bode e de cavalo; e a serpente associada ao pecado original, à perdição do homem e à tentação feminina (EISLER, 2007). A sexualidade passou a ser vista como pecado e apenas admitida no âmbito matrimonial e exclusivamente para a procriação. A copulação deveria servir só para dar a luz. A monogamia e a virgindade para as mulheres passaram a ser valorizadas como símbolos de virtude. Se a contracepção era considerada um pecado grave, a homossexualidade era um crime muito maior e, além de um perigo para a Igreja e um repúdio à moralidade cristã, foi também considerado um perigo para o Estado. O batismo era recusado ao homossexual, assim como a instrução na fé, até que ele houvesse renunciado a seus hábitos malignos (TANNAHILL, 1983).

Na Idade Média a Igreja concebia o prazer sexual pecaminoso mesmo dentro do casamento. De acordo com Tannahill (1983, p.158), era recomendada “a abstenção nas quintas-feiras, em memória da prisão de Cristo; nas sextas-feiras em memória de sua morte; aos sábados, em honra a Virgem Maria; aos domingos, em homenagem à ressurreição e, às segundas-feiras, em comemoração aos mortos”. As posições sexuais também eram controladas pela Igreja Católica, permitindo apenas as que o homem estivesse em uma posição superior à mulher, sendo todas as outras “antinaturais”, porque modelavam o homem ao animal e invertiam a natureza hierárquica do homem e da mulher e também porque outras posições eram suspeitas de prevenir a concepção.

Com o surgimento do capitalismo foi necessário reprimir a energia sexual que precisava ser empregada nas máquinas. O princípio do prazer é domado e regulado pelo princípio da realidade, que no mundo burguês é o trabalho alienado. A linguagem sobre o sexo passou a ser controlada, bem como as informações veiculadas nos livros. O sexo

tornou-se o grande inimigo do trabalho, a dimensão mais importante da experiência humana nesse período (NUNES, 2003).

No Brasil a religião iniciou sua influência sobre a moralidade sexual a partir dos primeiros padres jesuítas que perseguiram e condenaram a nudez indígena como algo pecaminoso. Conforme Ceccarelli (2000, p.33), “os portugueses, quando chegaram ao Brasil, ficaram horrorizados ao ver os índios nus e ao constatar como eles lidavam com a sexualidade. A expressão utilizada traduz bem o impacto: devassos no paraíso”.

Dentro de um contexto mais amplo, pode-se considerar que a influência da sexualidade permeia todas as manifestações humanas, do nascimento até a morte. No entanto, durante a maior parte da história da humanidade essa influência foi negada em especial entre os povos ligados às tradições judaicas e cristãs (VITIELLO, 1998).

As religiões tiveram e ainda têm importante papel na formação do comportamento do ser humano, inclusive sobre o sexual. Não é por menos que se costuma dizer que todo comportamento é resultado de fatores culturais, religiosos, políticos e econômicos de uma época. Assim, questões como o adultério, homossexualidade, masturbação, virgindade, castidade, poligamia, aborto, casamento, divórcio entre outros também sofreram modificações com o passar dos tempos e ainda são assuntos que causam controvérsia.

Religião e comportamento sexual

Desde os tempos mais remotos a religião tem desempenhado um papel importante, senão crucial, na história da humanidade, refletindo na vida social, individual, política e social das civilizações. Apesar do triunfo do racionalismo científico, as religiões continuam ganhando espaço e, assim como no passado, a necessidade religiosa permanece viva no presente (HITCHCOCK; ESPOSITO, 2005). Sua presença virtual, na forma de crenças, mitos e tabus, tem acompanhado e condicionado o comportamento humano em suas diferentes esferas, inclusive a sexual. De acordo com Silva (2008a, p.2), a “religião tem sido no decorrer da história, um fator determinante sobre a sexualidade humana, ora impondo regras rígidas, em outros momentos procurando orientar o ser humano nessa dimensão tão importante da vida”.

Todas as religiões formulam suas próprias normas morais no campo da sexualidade com o intuito de orientar o comportamento de seus fiéis. Vários estudos

têm explorado a importância do universo religioso como instância reguladora da sexualidade dos brasileiros. É preciso lembrar que no Brasil existe grande diversidade religiosa, o que remete a pensar em como a sexualidade dos brasileiros pode ser atravessada por diferentes modalidades do pensamento religioso. A esse respeito, no dia 28 de agosto de 2007, viu-se anunciar na imprensa de Tanabi, cidade do interior de São Paulo, a manchete: “Homem corta o próprio pênis” por razões religiosas (SILVA, 2008b). Segundo o noticiário:

Um homem de 32 anos de idade, separado da mulher há poucos dias, cortou o próprio pênis por pensar que sua religião não aceitava o fim do seu casamento e o proibia de se relacionar com outras mulheres que não fosse sua esposa. O caso aconteceu em Tanabi, interior de São Paulo, a 478 km da capital. Freqüentador de uma igreja evangélica, J. R. C. há mais de um ano não convivia com a mulher, de quem não se divorciara porque a separação de casais somente é permitida pela igreja em caso de adultério. O casal havia se separado por incompatibilidade de gênios. O homem entrou no banheiro de sua casa, no conjunto Centenário, periferia de Tanabi, e deu início a automutilação usando uma tesoura caseira. A polícia foi chamada e, ao chegarem ao local, os bombeiros e PMs o encontraram sentado no vaso sangrando muito (SILVA, 2008b, p. 12).

O comportamento desse cristão, possivelmente, já que não se pode ter absoluta certeza, pode estar associado à interpretação fiel da máxima bíblica: "se o teu olho direito te escandaliza, arranca-o fora. Se tua mão direita é motivo de escândalo, corta-a e a lança longe de ti" (BÍBLIA, Marcos 9:43, 1993).

Foucault (2014) afirma que o discurso cristão a respeito da sexualidade exerce grande influência sobre as práticas e representações de cristãos ocidentais. Considera que a religião funciona como um dispositivo de vigilância e regulação do corpo e da sexualidade. Um estudo norte-americano, realizado por Regnerus (2005), na Universidade do Texas, evidenciou que pais religiosos tendem encontrar significativas barreiras em falar sobre sexo e sexualidade com seus filhos. Viu-se que a maioria dos pais tendiam a ser mais normativos do que informativos. A maioria dos pais acham embaraçoso e desconfortável conversar com seus filhos sobre sexualidade. Outro estudo norte-americano, realizado por Hardy e Raffaely (2003), no departamento de Psicologia da Universidade de Nebraska, analisou o potencial de associações entre religiosidade e primeira relação sexual de adolescentes protestantes e católicos. Evidenciou-se que adolescentes religiosos tendiam atrasar o primeiro envolvimento sexual mais do que

aqueles não religiosos. Segundo Silva et. al. (2008), a relação de autoridade que é estabelecida entre fiéis e líderes religiosos (padres, reverendos, pastores e babalorixás) reflete significativamente nos processos cognitivos, emocionais e sociais dos fiéis.

De acordo com Mott (2002), apesar da importância dos estudos científicos em torno da sexualidade, ainda se encontram barreiras e censuras devido à moralidade e ao conservadorismo judaico-cristão vigente principalmente nas sociedades ocidentais, configurando para ele uma espécie de sexofobia. Entende-se que a sexualidade humana é um constructo cultural, tanto quanto os hábitos alimentares. Nascemos machos e fêmeas e a sociedade nos fazem homens e mulheres. No tocante, Mott (2002, p.06) afirma que “sempre que dois corpos se entrelaçam eroticamente, há sempre uma terceira presença, a sociedade”.

Silva (2008a) sugere que a temática *sexo e religião* seja levada para o âmbito escolar a partir de sua revisão histórica desde os povos da antiguidade aos tempos modernos, a fim de que os alunos possam ter um olhar crítico do processo histórico de construção da sexualidade, tal como se apresenta em seu tempo. Além do mais, acredita-se que sendo a escola responsável pela transmissão de conhecimentos formais, bem como da formação e educação de jovens, não deveria negar a transmissão de tais conhecimentos.

É importante que a escola possibilite espaço para que os jovens possam debater tabus, mitos e preconceitos, tomando como ponto de partida a história da sexualidade. Silva (2008a, p.2) considera de grande utilidade que os alunos tenham “noções sobre sexualidade na visão da religião numa perspectiva histórica, de forma a facilitar o conhecimento em relação aos seus valores, problemas, conflitos e medos (...), uma vez que tem sido abordada na maioria das vezes apenas do ponto de vista biológico”. Mais adiante, Silva (2008a, p.22) afirma que “precisamos perder o medo de trabalhar o tema, quebrar o tabu e trazer este conhecimento para o cotidiano escolar para que as próximas gerações encarem o assunto de uma forma responsável”, tolerante e sem preconceitos. Por fim, sugere-se que o tema sexo e religião seja incluído nos livros didáticos de história do Ensino Fundamental e/ou Médio, tendo em vista a importância social e cultural desses temas que se entrelaçam desde os primórdios da humanidade.

O cristianismo e a sexualidade

O cristianismo é a filosofia de vida que mais influenciou a sociedade ocidental. É uma religião monoteísta que se baseia nos ensinamentos de Jesus Cristo. Não desconsidera, porém, suas raízes do Antigo Testamento e por essa razão o cristianismo também faz parte do conjunto das chamadas religiões “abraâmicas”, isto é, cujo precursor foi Abraão (1.800 a.C), que teria sido o primeiro escolhido das revelações de Deus. Conhecer o cristianismo é pré-requisito para compreender a cultura e a sociedade (GAARDER et. al., 2010).

O cristianismo no Brasil difundiu-se mais fortemente através de três vertentes: católicos, denominações evangélicas e espíritas (kardecistas) que, embora espiritualistas, fundamentam-se em pressupostos da liturgia cristã. Cada vertente, à sua maneira, caracteriza uma filosofia que a distingue uma das outras, no entanto, a base do pensamento permanece nas conjecturas bíblicas, principalmente no que se refere à figura de Jesus Cristo.

Acerca da sexualidade, a Bíblia se destaca por fazer diversas referências à sexualidade e ao comportamento sexual. Essas passagens podem ser encontradas desde o primeiro capítulo “*Gênese*” do Antigo Testamento até o último capítulo “*Apocalipse*” do Novo Testamento. As advertências e orientações sexuais abrangem uma gama de diferentes temáticas que envolvem assuntos como sexo e casamento, poligamia, incesto, sedução, estupro de homens e mulheres, adultério, masturbação, prostituição masculina e feminina, zoofilia, travestilidade, homossexualidade masculina e feminina, coito interrompido, poluções noturnas, doenças sexualmente transmissíveis, nudez, circuncisão, afrodisíacos, virgindade, bem como contos e poemas de amor.

A interpretação dessas passagens se diversifica de acordo com a vertente religiosa; algumas as tomam de forma literal, enquanto outras fazem interpretações simbólicas, conforme os resultados dessa pesquisa.

Católicos: representações sobre sexo e sexualidade

O catolicismo é uma religião dogmática que se baseia em textos bíblicos para justificar seus princípios. Sua hierarquia é composta pelo papa, bispos e padres, sendo o primeiro dotado de grande autoridade. Existe cerca de um bilhão de cristãos no mundo, aproximadamente a metade deles pertencem ao catolicismo. Isso faz da Igreja Romana a

vertente cristã mais influente no mundo (GAARDER et al., 2010).

A Igreja Católica, enquanto tradição cristã, é orientada pela noção de pecado. O pecado consiste na quebra das leis dogmáticas da Igreja, que por si só se considera santa e representante da vontade máxima de Deus. Em outras palavras, o fiel torna-se pecador quando vai contra a vontade de Deus ao exercer seu livre-arbítrio. O pecado é, portanto, o desejo humano de autonomia e de conseguir viver sem Deus, o pecado é aquilo que separa o homem de Deus. Para viver no reino dos céus (paraíso) o homem deve “negar a si mesmo” e se voltar para Deus, dentro de uma vida de obediência, humildade e amor (GAARDER et al., 2010).

Com a finalidade de livrar o homem de seus pecados e de sua culpa, a Igreja prescreve penitências e sacrifícios pelos quais o homem poderá purgar suas penas e outra vez reencontrar-se com o divino. Essa necessidade é colocada no sentido de protegê-los, caso contrário, poderão sofrer a consequência máxima de suas ações com o advento da morte, durante a qual o indivíduo pecador poderá ser condenado ao inferno (ou punição eterna), enquanto o verdadeiro cristão gozará de vida eterna no reino de Deus (GAARDER et al., 2010).

No passado, a virgindade foi promovida pelo clero católico ao *status* de santidade máxima, um estado que todo cristão deveria alcançar. O casamento era considerado um mal necessário, a única forma de purificar o desejo e legitimar a prática sexual. Dentre os inúmeros atos de luxúria destacava-se a masturbação/onanismo, que a partir do século XV foi ato muito abordado pelos manuais confessionais e tratados penitenciais, pois essa prática destinava-se unicamente a obtenção de prazer. A homossexualidade, além de ser vista como um pecado gravíssimo, tornou-se crime dentro de algumas sociedades. Tratados religiosos também advertiam os homens das tentações femininas.

Entre os séculos XII a XVI os documentos teológicos tornaram-se cada vez mais rígidos em relação aos prazeres sexuais. Posteriormente, entre os séculos XV ao XIX, os pecados sexuais foram classificados pela Igreja Católica em dois grandes grupos: os de acordo com a natureza (fornicação, adultério, incesto, estupro e rapto) e aqueles contrários à natureza (masturbação, sodomia, homossexualidade e bestialidade). O segundo grupo, aqueles contra a natureza, eram considerados mais graves por ferir o critério de procriação (DANTAS, 2010).

Quando se refere à sexualidade, o catolicismo é categórico e influenciou significativamente o pensamento de outras religiões que surgiram depois de seu advento. Ao longo dos séculos muitos conceitos foram repensados e reformulados, no entanto ainda se conserva o aspecto essencial, a noção de pecado original (DANTAS, 2010).

As modernas posições da Igreja Católica se diferem muito das concepções construídas na Idade Média, no entanto, outras questões permanecem presas ao tradicionalismo. É o que se pode dizer do uso de preservativos e contraceptivos. A Igreja insiste em conservar o aspecto reprodutivo do sexo. Nessa ótica, contraceptivos e preservativos são uma ameaça à reprodução, favorecendo por sua vez a luxúria e o sexo pelo prazer do sexo. A Igreja confronta a proposta do uso da camisinha através da prescrição de abstinência e fidelidade como o único recurso contra a disseminação das Doenças Sexualmente Transmissíveis (RIOS et al., 2008). Os resultados de uma pesquisa mostram que grande parte dos fiéis católicos se mostram contrários aos atuais posicionamentos da Igreja frente ao uso dos métodos contraceptivos e preservativos (SILVA et al., 2008).

A moderna Igreja, frente às questões da homossexualidade, diferente do que ocorria no passado, posiciona-se de forma menos rígida. Com a modernidade, a Igreja passou a considerar o homossexual enquanto pessoa humana e dotada de valores intrínsecos. No entanto, ainda considera a homossexualidade um desvio da natureza, um pecado aos olhos de Deus. Perante essa temática alguns líderes religiosos acreditam ser a homossexualidade algo passível de reversão. Outros acreditam que somente o celibato poderá salvá-los de seus pecados. A Igreja Católica aceita homossexuais em suas cerimônias enquanto pessoas humanas, mas ainda não aceita suas práticas sexuais (DANTAS, 2010).

Outro aspecto ainda conservado e valorizado pela igreja é o estado de virgindade antes do casamento. No entanto, por outro lado, pesquisas têm mostrado que muitos religiosos católicos têm se reservado de classificar o sexo antes do casamento como pecado ou falar da abstinência até o casamento como ideal único para vida dos jovens (SILVA et al., 2008).

Contrariamente às colocações da atual Igreja Católica, pesquisas revelam que a maioria dos fiéis católicos consideraram que a sexualidade faz parte do cotidiano juvenil

e valorizaram o cuidado, a responsabilidade e também a maturidade para optar pelo início da vida sexual. Portanto, consideram que não há idade certa para iniciar a vida sexual e sim condições ideais para que isso aconteça. Destacaram também que a autonomia de cada pessoa deve resultar do acesso à informação (SILVA et al., 2008).

Evangélicos: representações sobre sexo e sexualidade

É importante ressaltar que ao se tratar das representações de sexo e sexualidade das denominações evangélicas nenhuma informação deve ser tomada de maneira generalizada para uma instituição específica. As diversidades das concepções acompanham a diversidade institucional desses grupos religiosos. Os referenciais teóricos desse estudo discorrem, sobretudo em relação às concepções e posicionamentos mais frequentemente observados entre os membros e líderes religiosos mais influentes no território brasileiro.

Dantas (2010, p.53) afirma que, em se tratando de cristianismo, a preocupação com a vida sexual dos fiéis se apresenta mais intensamente entre as igrejas de denominação evangélica, as quais muitas vezes se dedicam “à regulamentação dos desejos e à domesticação dos prazeres”. Segundo ela, as normatizações do comportamento podem aparecer através das mais diversas formas, nas conversas informais, no cotidiano das relações interpessoais, nas reflexões bíblicas, nos discursos eclesiais e nos códigos de conduta. A autora ainda informa que desde a década de 1980 as igrejas evangélicas vêm se proliferando no Brasil.

Nos cultos evangélicos, as representações da sexualidade estão relacionadas à ideia de pecado. O desejo deve ser evitado até mesmo nos pensamentos e sonhos. O cristão evangélico deve se precaver de qualquer obscenidade, pois para a maioria das igrejas de denominação evangélica o desejo pode esconder-se atrás do mais ingênuo gesto. Recomenda-se aos fiéis a vigilância e a oração, investigando e avaliando cada ideia, cada sentimento e cada manifestação do corpo (DANTAS, 2010). Segundo Foucault (2014), a oração e a vigilância do desejo são antigas prescrições cristãs por meio das quais se busca banir a sexualidade de pensamentos, imaginações, palavras e ações.

Os desejos da “carne” estão ligados à concepção de pecado e doença, visto que em muitas igrejas de denominação evangélica usam-se de rituais e tratamentos

espirituais que visam à cura daquele que se encontra vulnerável aos desejos “carnais”. A “carne” é considerada a principal e mais próxima adversária do cristão. Nessas condições, o desejo sexual é considerado um pecado e uma doença que deve ser curada aos olhos de Deus. Conforme Dantas (2010, p.62), “tecnologias de cura, como rituais de oração, jejum e leitura bíblica são postas à disposição do fiel. O tratamento e a cura implicam direcionar o desejo e canalizá-lo para outros fins, especialmente religiosos”. Para o autor, grande parte dos evangélicos acredita que o sacrifício da inibição sexual e da não realização de suas necessidades afetivas enquanto solteiros será retribuído pela divindade com um casamento sólido e duradouro. Uma parcela das denominações religiosas evangélicas apregoa aos fiéis a renúncia à liberdade de escolha de seu cônjuge, isso porque, segundo essas denominações, aceitar as “decisões divinas”, validadas pela instituição eclesiástica, garantirá que a relação seja inabalável. O parceiro ou parceira deve surgir ao tempo de Deus. O livre-arbítrio do sujeito é visto como algo perigoso, pois sofre a influência dos desejos eróticos. A escolha divina e institucional é a segurança de que a união conjugal será forte e indissolúvel.

Conforme Dantas (2010, p.75), “a intimidade dos cônjuges não é tão regulamentada como a vida íntima dos solteiros. A verdadeira obsessão da igreja é a sexualidade dos não casados, a qual está sujeita à intensa racionalização e ao constante gerenciamento”. Nesse sentido, os jovens evangélicos frequentemente mostram grande urgência em relação ao casamento, pois no casamento seus impulsos sexuais serão possivelmente menos vigiados do que enquanto solteiros.

Antes de começarem a namorar, alguns evangélicos devem de acordo com a igreja passar pela bênção do pastor antes de selar qualquer união. A eles é prescrito que façam orações para receber a autorização divina. Esse conjunto de procedimentos torna o namoro um compromisso sério e limita o cristão de namorar várias vezes. Depois da permissão do pastor, o namoro é oficializado em público, fato que torna sua desistência algo constrangedor. O namoro na igreja não tem propósito se ele não tiver como finalidade o casamento (DANTAS, 2010).

Durante o namoro os fiéis devem se abdicar de qualquer contato físico, a fim de preservar a virgindade antes do casamento. Por essa razão, a igreja recomenda e incentiva que os namoros tenham curta duração, a fim de que não haja oportunidades para a realização do desejo durante essa fase. Fazem apologia à união conjugal

indissolúvel, monogâmica e à virgindade pré-nupcial (DANTAS, 2010).

A maioria das igrejas evangélicas não considera o sexo apenas enquanto mecanismo de procriação. O casamento também abre portas para o prazer sexual, todavia nem toda espécie de prazer é tolerada. As ousadas e “perversões” sexuais não são admitidas. O que não é convencional precisa ser vigiado. Autorizam-se, pois, o prazer desde que seja comportado, no entanto, não se define com clareza os limites das práticas e dos prazeres sexuais adequados ao bom cristão (DANTAS, 2010).

As representações do sexo fora do casamento estão associadas à ideia de pecado, contaminação e sujeira. Como aponta o relato dos sujeitos, ao se relacionar sexualmente com alguém antes de casar, o indivíduo fica "contaminado" espiritualmente. Quando o parceiro sexual é alguém que não pertence à igreja, o grau de contaminação é ainda maior. O sexo continua vinculado à noção de impureza quando não está situado nos limites da relação conjugal. Ele só assume uma conotação positiva na esfera do matrimônio. O casamento, pois, foi criado para “purificar” algo que por natureza é sujo (DANTAS, 2010, p.74).

No que se refere à homossexualidade, Natividade (2006) afirma que esse ainda é um dos temas mais perseguidos pelas pastorais evangélicas. Segundo ele, muitas igrejas aceitam a entrada de homossexuais nas cerimônias e reuniões, no entanto, essa liberdade de participação não está de forma alguma associada a uma posição de aceitação, pelo contrário, a participação do sujeito nos cultos destina-se a salvação e conversão dos mesmos. A maioria das igrejas evangélicas acredita que a homossexualidade é um desvio da conduta humana, comparando-a a uma patologia do espírito, passível de cura e libertação.

Muitas igrejas de denominação evangélica associam a homossexualidade a práticas de vida pregressa, imoralidade e desordenação. Para essas, a homossexualidade é um desvio, pois contraria a concepção de “natureza heterossexual” pregada na Bíblia. Concebem que o homossexual pode encontrar a libertação e a benção da heterossexualidade através da conversão pastoral e, sobretudo, através do casamento (NATIVIDADE, 2006).

Segundo Natividade (2006), nas igrejas evangélicas pouco importa se a pessoa é homossexual. O que importa é se ela tem ou não um comportamento homossexual. Essas pessoas podem encontrar a salvação a partir do momento em que renunciam o contato homossexual, bem como seus pensamentos e desejos.

Algumas denominações pastorais afirmam a existência de demônios destinados aos desvios sexuais, sobretudo a homossexualidade:

J. C. X., ex-homossexual, atualmente pastor da Igreja Evangélica “X” – casado com uma serva de Deus e pai de um filho – diz que sua homossexualidade teria se desenvolvido na umbanda, quando legiões de demônios “atuaram em sua vida” e “tomando seu corpo”, e o despertaram para os desejos homossexuais (NATIVIDADE, 2006, p.119-120).

Frequentemente o que se percebe é que as igrejas evangélicas geralmente se baseiam em conceitos biológicos/naturalistas para justificar condutas adequadas e inadequadas. Assim, concebe-se um lugar natural para cada coisa. Por exemplo, o pênis não teria sido criado por Deus para ser introduzido na boca ou no ânus, devendo ser depositado em seu vaso natural (a vagina), também criada por Deus. A homossexualidade, como prática antinatural, está sempre posicionada em polos negativos, fato que se pode perceber em algumas denominações evangélicas que parecem associar o comportamento homossexual à disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, pedofilia, drogas, criminalidade, solidão, depressão e suicídio (NATIVIDADE, 2006).

De forma geral, a maioria das pastorais evangélicas tem a percepção de sexo e sexualidade como algo que deve ser praticado unicamente e “seguramente” dentro dos parâmetros do casamento cristão (monogamia, heterossexualidade e foco na penetração exclusivamente vaginal). Fora desse modelo todas as práticas e manifestações sexuais são consideradas pecaminosas e doentias (sexo oral, anal, acessórios, pornografia, adultério, masturbação, sonhos eróticos, prostituição, coito interrompido, homossexualidade, etc).

Filho et al. (2010) observaram em sua pesquisa que a maioria das igrejas evangélicas considera que deve haver restrições no ato sexual do casal, no entanto não condena uso de contraceptivos e o controle da natalidade. Quanto ao uso de preservativos os autores afirmam que muitos líderes religiosos evangélicos não valorizam o uso de preservativo durante as relações sexuais, pois segundo essas concepções, se os fiéis estiverem dentro das normas monogâmicas da igreja, não há porque usar preservativos nas relações sexuais. A pesquisa mostrou que até mesmo entre alguns fiéis o preservativo é visto como instrumento de pessoas “infiéis” e que

praticam sexo com mais de um parceiro. De toda forma, usar ou não o preservativo é um critério a ser decidido pelo casal (oficialmente casado pela igreja).

A maior parte dos grupos evangélicos considera e aprova o prazer sexual feminino durante as relações sexuais, no entanto, acima de seu prazer a mulher deve compromisso sexual para com seu parceiro. Os representantes das denominações que participaram dessa pesquisa destacaram que a função da mulher no casamento é “ser força, segurança, luz e alegria na vida do marido”. A representação feminina no meio protestante tem se destacado como figura de apoio ao homem. Além das atividades corriqueiras como ser mãe ou dona de casa, a mulher é responsável pela satisfação sexual do esposo (FILHO et al., 2006, p.6).

Os desvios sexuais enquanto “patologia” podem ser curados através da “biblioterapia”, da oração e do autocontrole dos pensamentos, bem como pelo arrependimento e da confissão das atitudes (NATIVIDADE, 2006).

Espíritas: representações sobre sexo e sexualidade

A doutrina espírita apresentada inicialmente por Allan Kardec foi introduzida no Brasil em 1870. Nessa doutrina se conjugam elementos das tradições racionalista, iluminista e evolucionista. É considerada por seus seguidores ciência, filosofia e religião. Concebe a sobrevivência do espírito após a morte e acredita na reencarnação das almas. Baseia-se nos ensinamentos de Jesus Cristo, no entanto, tem por princípio fundamental a relação do mundo dos vivos (encarnados) com o mundo dos mortos (desencarnados). A codificação da doutrina espírita é atribuída às supostas revelações trazidas pelos espíritos, os quais se comunicam com o mundo material através dos médiuns (NETO et al., 2009).

O espiritismo, devido a sua pretensão científica e filosófica — contestável quando se trata de rigor metodológico — desde o princípio apoia os avanços científicos e tecnológicos em todos os campos da vida humana. Nesse ponto, a doutrina espírita tende a acompanhar as tendências científicas, ao mesmo tempo em que discute e formula suas próprias ideologias. Quando se refere à sexualidade, o espiritismo tenta aliar moralidade e estudos científicos para orientar seus seguidores. A palavra orientação é fundamental para os espíritas, isso porque se acredita que cada sujeito por si só deve tomar suas próprias decisões. Nesse sentido, cada espírito (individualidade)

se torna responsável por suas experiências pessoais. O livre-arbítrio é requisito fundamental ao crescimento espiritual (NETO et al., 2009).

O aspecto inibidor do espiritismo no que se refere à sexualidade se apresenta de forma velada, no entanto isso não quer dizer que não exista. Geralmente a maioria dos espíritas concebe a sexualidade em um campo em que se valoriza o espírito a despeito das sensações do corpo. Não se nega o valor e a importância do sexo, mas o sexo é algo que um dia deve ser superado através da evolução espiritual, afinal sexo para eles pertence à esfera do corpo (materialismo) (NETO et al., 2009).

Em diversas passagens do *Livro dos Espíritos*, primeiro livro da codificação da doutrina espírita, ressalta-se o sexo e a sensualidade como algo materialista e, portanto sem valor em relação à vida espiritual. É o que se pode observar, por exemplo, na pergunta 694 da referida obra, quando Kardec (1999, p.280) pergunta aos espíritos sobre o uso de métodos contraceptivos tendo em vista apenas o prazer sexual, ao que, obteve a seguinte resposta: “qualquer obstáculo à reprodução com a finalidade de sensualidade prova a predominância do corpo sobre a alma e o quanto o homem está materializado”. Percebe-se por essa resposta a valorização do sexo enquanto meio de reprodução (reencarnação) e extrema desvalorização enquanto meio de satisfação dos impulsos sexuais. Mais adiante, nas perguntas 696 e 701, os espíritos defendem o casamento monogâmico enquanto um progresso conquistado pela humanidade, pois segundo essa obra a poligamia é exercício da sensualidade e um retorno à vida animal. Essa visão, no entanto, pertence aos espíritas mais conservadores e mais arraigados às primeiras obras da codificação da doutrina espírita.

O espiritismo no Brasil, fortemente influenciado pelo médium Francisco Cândido Xavier, tende a tratar a sexualidade com mais tranquilidade do que antes (PAIVA et al., 2008). A maioria dos espíritas se vale de textos consagrados para justificar suas opiniões frente à sexualidade humana, entre esses se destacam os textos dos supostos espíritos Joanna de Angelis (psicografada por Divaldo Franco), André Luís e de Emmanuel (psicografados por Chico Xavier), enquanto os mais tradicionalistas procuram se respaldar nas afirmações de Allan Kardec (NETO et al., 2009).

Atualmente a maioria dos Kardecistas incentiva seus seguidores solteiros a fazer uso de preservativos durante as relações sexuais, bem como a valorização das relações

mais estáveis, a sobreposição do amor sobre as relações passageiras e carnavais. O divórcio não é condenado, e também não se valoriza a virgindade como uma virtude fundamental ao casamento. Os métodos contraceptivos são de livre escolha, no entanto a paternidade e a maternidade são incentivadas com a justificativa de favorecer a reencarnação de espíritos que esperam por essa oportunidade (PAIVA et al., 2008).

Paiva (2008), em um estudo de nível nacional sobre opiniões e atitudes em relação à sexualidade, observou que entre as religiões os espíritas tendem a encarar o comportamento masturbatório com mais naturalidade e menores ansiedades (PAIVA et al., 2008).

Em relação à homossexualidade, observa-se entre os espíritas maior aceitação. Buscam entendê-la através do fenômeno da reencarnação, acreditam que a homossexualidade é uma condição imposta a alguns espíritos como forma de alcançar um estado de crescimento e elevação espiritual (NETO et al., 2009). Em outros casos, considera-se a homossexualidade fruto da bissexualidade espiritual, isso porque, de acordo com as obras básicas de Allan Kardec, os espíritos, por não terem sexo podem hora encarnar como homens hora como mulheres. Nessa perspectiva, a homossexualidade muitas vezes é entendida como um choque de identidade sexual após sucessivas encarnações do espírito em um sexo oposto. Para ilustrar esse fato, os kardecistas frequentemente citam a perturbadora ideia ou sensação experimentada por alguns homossexuais de sentirem-se presos em um corpo que acreditam não lhes pertencer (NETO et al., 2009).

No tocante à bissexualidade espiritual, o suposto espírito Emmanuel esclarece por intermédio da psicografia² de Xavier (2012, p.41) que “através de milênios e milênios, o espírito passa por fileira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado, em quase todas as criaturas”. Mais adiante, na mesma obra, Emmanuel faz referências diretas à homossexualidade:

O mundo vê, na atualidade, em todos os países, extensas comunidades de irmãos em experiência dessa espécie, somando milhões de homens e mulheres, solicitando atenção e respeito, em pé de igualdade ao respeito e à atenção devidos às criaturas heterossexuais (...). A

² Suposto mecanismo de comunicação entre pessoas vivas e mortas, pelo qual o médium (pessoa dotada de condições espirituais) facilita a manifestação de espíritos por meio de mensagens escritas ou digitadas por suas mãos.

coletividade humana aprenderá gradativamente a compreender que os conceitos de normalidade e de anormalidade deixam a desejar quando se tratam simplesmente de sinais morfológicos (Xavier, 2012, p.41).

Independente de ser mais liberal ou tradicional, a compreensão espírita sobre comportamento sexual está ancorada no livre-arbítrio, situação em que os sujeitos devem ser responsáveis e conscientes de suas ações. Para que ocorra o progresso espiritual é necessário que os indivíduos encarnados atuem no campo da sexualidade com compromisso e responsabilidade sobre si mesmos (NETO et al., 2009).

Considerações Finais

Com essa pesquisa se observa que a religião enquanto fenômeno histórico influenciou e tem influenciado o comportamento humano desde os tempos mais remotos. Isso se deu e tem se dado em diversos seguimentos do comportamento humano: na política, nas leis, na arte, na filosofia e na moralidade. Tratando-se de sexualidade, sabe-se que sua história se funde com a história da religião desde os primórdios da humanidade, sendo impossível falar de uma sem mencionar a outra. Se a religião determinou a sexualidade e o comportamento sexual da humanidade no passado é evidente que muitas dessas determinações ainda sobrevivem na moralidade dos tempos atuais. Vive-se à mercê de uma realidade que, por menos religiosa que seja, foi possivelmente constituída a partir de valores e crenças ancestrais. Isso faz com que a sexualidade na sociedade ainda guarde aspectos do proibido e daquilo que deve ser resguardado.

Nas escolas professores ainda encontram dificuldades de tratar o tema da sexualidade com seus alunos; muitos pais encontram barreiras para falar sobre o assunto com seus filhos; a mídia resiste em apresentar o contato homossexual (embora algumas telenovelas já tenham feito de maneira discreta). Apesar de a virgindade não ocupar mais um lugar de destaque na sociedade, a masturbação feminina por sua vez ainda é vista como tabu. Todas essas restrições advêm de um passado religioso que separou a sexualidade da natureza humana, como se ela fosse algo perigoso, vergonhoso e que deve ser transcendida.

Entre católicos e evangélicos se observa que o prazer é pecaminoso e o sexo deve estar a serviço da procriação. Entre os espíritas o sexo é considerado porta para a reencarnação, enquanto o prazer sexual é visto como algo banal, materialista e que deve

estar longe dos interesses dos espíritos superiores ou depurados. Católicos, evangélicos e espíritas concebem a sexualidade como algo da esfera sagrada. O prazer é o que deve ser superado.

É prudente, por conseguinte, que a temática *sexo e religião* seja inserida na grade curricular do Ensino Fundamental e Médio como estudo transversal e, a partir de uma revisão histórica, levar os alunos à reflexão e interpretação do processo histórico de construção dos valores e crenças que envolvem a sexualidade da antiguidade aos tempos modernos, principalmente em relação às influências da moralidade religiosa. No entanto, considera-se ainda mais relevante que os professores levem os alunos a um nível de discussão que vá além do mero estudo das constituições biológicas e dos métodos contraceptivos.

Presente em todas as culturas, a religião influenciou os costumes dos povos mais primitivos aos mais civilizados. Questões como adultério, homossexualidade, masturbação, virgindade, casamento, divórcio, aborto foram largamente discutidas e tratadas por diferentes óticas por todas as religiões.

Referências

- ALVES, Rubem Azevedo. **O que é religião**. São Paulo: Loyola, 2010.
- ARAÚJO, Luís Manuel. **Estudos sobre erotismo no antigo Egito**. Lisboa: Colibri, 2012.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e preconceito. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, V.3, n.3, p.18-37, set. 2000.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. A dupla linguagem do desejo na Igreja Evangélica Bola de Neve. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.30, n.1, p.53-80, 2010.
- DSM-V. **American Psychiatric Association**/ Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- DUARTE, Alisson José Oliveira. Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v.35, n.1, p.05-19, jul. 2017.
- EISLER, Riane. **O prazer sagrado**: sexo, mito e a política do corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- FILHO, Maurício Madeira Bonfim, et al. Sexualidade e religião: a prática sexual na perspectiva das denominações protestantes. In: **Anais do XIV Seminário sobre a Economia Mineira**: Vale do Rio Doce, 2010. Disponível em: http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2010/D10A041.pdf
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2014.
- GAARDER, Jostein. et al. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GUIMARÃES, Hélio Penna. O impacto da espiritualidade na saúde física. **Revista de psiquiatria clínica**, São Paulo, v.34. n.1, p.88-94, 2007.
- HARDY, Sam; RAFFAELLI, Marcela. Adolescent religiosity and sexuality: an investigation of reciprocal influences. **Journal of Adolescence**, Nebraska, v.1. n.26, p.731-739. 2003.
- HITCHCOCK, Susan Tyler; ESPOSITO, John. **História das religiões**: Onde vive Deus e caminham os peregrinos. São Paulo: Abril, 2005.
- IBGE. **Distribuição percentual da população por religião**. Brasil, 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf>
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MANOEL, Ivan. História, Religião e Religiosidade. **Revisita Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano I, nº1, p.18-32, mai. 2008.
- MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Teoria Antropológica e Sexualidade Humana**. Departamento de Antropologia - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Bahia, 2002.
- NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais

evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 61, p.115-132, jun. 2006.

NETO, José Pedro Simões. et al. **As representações da diversidade sexual no campo religioso**. Serviço Social & Realidade, Franca, v. 18, n.1, p.241-276, 2009.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

PAIVA, Vera. et al. Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.42, n.1, p.54-64, jun. 2008.

PANZINI, Raquel Gehrke. et al. Qualidade de vida e espiritualidade. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v.34, n.1, p.105-115, mar. 2007.

PERES, Julio Fernando Prieto. et al. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v.34, n.1, p.105-115, mar. 2007.

REGNERUS, Mark. Talking about sex: Religion and Patterns of Parent-Child Communication about Sex and Contraception. **The Sociological Quarterly**, Texas, v.46, n.1, 2005.

RIOS, Luís Felipe. Cuidados com a “carne” na socialização sexual dos jovens. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.13, n.4, p.673-682, 2008.

SILVA, Cristiane Gonçalves. et al. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.13, n.4, p.683-692, 2008.

SILVA, José Amilton. **O olhar das religiões sobre a sexualidade**. Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Paraná, 2008a. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/728-4.pdf>

SILVA, José Amilton. **A sexualidade na história sob a perspectiva das religiões**. Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Paraná, 2008b. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/728-2.pdf>

TANNAHILL, Reay. **O sexo na história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

VITIELLO, Nelson. Um breve histórico do estudo da sexualidade humana. **Revista Brasileira de Medicina**, São Paulo, v.55, n.1, 1998.

XAVIER, Francisco Cândido / Espírito Emanuel. **Vida e sexo**. São Paulo, FEB, 2012.

Recebido: 06/11/2017

Received: 11/06/2017

Aprovado: 23/11/2017

Approved: 11/23/2017